

FORMAÇÕES NEOLÓGICAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA PERSPECTIVA DISCURSIVA*

NEOLOGICAL FORMATIONS IN BRAZILIAN PORTUGUESE: A DISCURSIVE VIEW

Maria Marta Furlanetto**
Universidade do Sul de Santa Catarina, UNISUL

As inovações da analogia são mais aparentes que
reais. A língua é um traje coberto de remendos
feitos de seu próprio tecido.

(Saussure, *Curso de Linguística Geral*)

Resumo

Este estudo sobre formações neológicas é parte de uma pesquisa cujo objetivo é a investigação, em ótica discursiva, de casos de *deriva* (deslocamentos) no uso escrito culto do português brasileiro, suas implicações normativas e consequências para a pedagogia da língua materna. Tem como referência principal os aparatos de *gramatização* predominantes (gramáticas, dicionários, manuais), que correspondem a um presumido padrão linguístico estabelecido no processo de formação do português brasileiro. Levando em conta as condições sociais de produção e interpretação do discurso, apresento um modo de compreensão do surgimento de uma variedade de neologismos em relação às práticas e suas representações sociais.

Palavras-chave: Discurso. Língua portuguesa. Neologismos. Deriva.

Abstract

This study about neological formations is part in a research whose goal is the investigation, under a discursive perspective, of *drift* cases (displacement) in the formal written use of Brazilian Portuguese, its normative implications and consequences for the pedagogy of the Brazilian native language. Its main reference are predominant *grammatization* apparatuses (grammars, dictionaries, manuals), which correspond to a presumed standard established along the Brazilian Portuguese formation. Taking into consideration the conditions of production and interpretation of the discourse, I introduce a way for understanding the rising of multiple neologisms, regarding their practices and social representations.

Keywords: Discourse. Portuguese language. Neologism. Drift.

* Este trabalho foi apresentado como comunicação em simpósio temático do I SIMELP (Simpósio Internacional de Estudos de Língua Portuguesa), realizado em São Paulo de 1º a 5 de setembro de 2008. Uma versão bastante reduzida foi entregue para publicação nos anais do evento.

** Professora no Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem e no curso de Letras da Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão-SC, Doutora em Linguística Aplicada. *E-mail:* <mmarta@intercorp.com.br>.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos contemporâneos da língua portuguesa evidenciam o interesse dos pesquisadores pela formação e ampliação lexical na língua portuguesa em sua relação com a vida social e cultural, sem o vizo do julgamento de valor em sua utilização. Mostram, principalmente, a vitalidade e o modo de funcionamento da língua em seu dinamismo. Veja-se, por exemplo, Sandmann (1991), Pereira (1997), Manzóllilo (2002?).

Em meu estudo, o objetivo é o reconhecimento da emergência de palavras e expressões cuja identidade temporária pode ser apontada com base em possibilidades histórico-discursivas, produzindo certos efeitos de sentido. A pesquisa de que este estudo é uma parcela tem por objeto, do ponto de vista discursivo, casos de deriva no uso escrito culto do português brasileiro (a partir de 1990), suas implicações normativas e consequências para a pedagogia da língua materna. Uso como referência principal os aparatos de *gramatização*¹ predominantes (gramáticas, dicionários, manuais), que correspondem ao que se admite ser o padrão linguístico estabelecido no processo cultural e político de formação e evolução do português brasileiro. No caso de neologismos, discursivamente é importante, como explicitam Branca-Rosoff e Guilhaumou (2002, p. 10-11, tradução minha),

[...] mostrar que o aparecimento de um neologismo numa língua é um processo complexo em que podem intervir, ao mesmo tempo, a dinâmica das relações polissêmicas, a existência de palavras da mesma família já carregadas de valores próximos, mas também os discursos em que se constroem e se renovam o sentido das palavras e um imaginário da língua favorável à neologia.

A ótica de investigação é a da Análise do Discurso que tem Pêcheux como mentor. No conjunto da pesquisa, pretendo apresentar uma síntese do fenômeno discursivo remetendo a considerações sobre a *hiperlíngua* em questão, ou *brasileiro* (v. AUROUX, 1994).²

2 DOIS ESTUDOS DISCURSIVOS SOBRE NEOLOGIA

O estudo de Moura (1992) sobre neologismos e discurso utiliza pressupostos de caráter pragmático e da Análise de Discurso francesa. Ele busca explicar a produtividade lexical no português brasileiro focalizando os neologismos por derivação, levando em conta o comportamento dos interpretantes e as condições sociais de produção do

¹ No sentido utilizado por Auroux (1992, p. 8): processo iniciado no Renascimento europeu “que conduz a produzir dicionários e gramáticas de todas as línguas do mundo [...] na base da tradição greco-latina.” A gramatização é tratada como revolução tecnológica, servindo como meio de conhecimento e dominação de culturas.

² “A língua empírica não tem existência autônoma [...]. Mas só existem, em determinadas frações de espaço-tempo, sujeitos, dotados de determinadas capacidades linguísticas ou ainda dotados de “gramáticas” (não necessariamente idênticas), envoltos por um mundo e por artefatos técnicos, entre os quais figuram (às vezes) gramáticas e dicionários. [...] Denominaremos “hiperlíngua” a este espaço-tempo assim estruturado.” (AUROUX, 1994, p. 243; v. também AUROUX, 1998).

discurso. Neologismos surgem em práticas que manifestam certas representações sociais, no processo sócio-histórico.

Moura refuta uma base ontológica para os neologismos (não se trata meramente de denominar uma “nova realidade”), e constata que boa parte do material estudado “representa um novo modo de olhar, de denominar, de segmentar a realidade”.

O autor arrolou como neologismos estas nove palavras, usando como critério sua ausência no dicionário Aurélio, edição 1986: leitorado, criticidade, congala, gabinetismo, trombadismo, fascistização, imexível, indobrável e sequestrável. Destas, vou fazer a apresentação sintética de apenas duas, para exemplo:

- a) *congala*: palavra adjetival usada para definir uma menina que sempre usava congala (tênis popular) para ir à escola; contextualmente, servia para diferenciar e excluir socialmente pessoas de um grupo;
- b) *imexível* (1990); criado pelo Ministro do Trabalho da era Collor, Rogério Magri: “O plano [Collor] é imexível”. O termo se insere no discurso do governo para dizer respeito à possibilidade de “negociar”. O contexto é de recusa de negociação, marcando o autoritarismo da cena.

Do conjunto, o Aurélio Século XXI (edição 1999) registra apenas: *leitorado* (porém no sentido de cargo ou ofício de leitor, ou duração desse cargo); *fascistização*, *sequestrável* e *congala* não têm registro nem mesmo como forma básica para “tênis popular”. O Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa (edição 2001) registra *leitorado* (semanticamente como no Aurélio), *criticidade*, *fascistização*, *imexível*, *indobrável*, *sequestrável*, mas alguns matizes do uso não são perceptíveis ali – o que aponta a importância da perspectiva histórico-social, ou seja, do evento situado. *Congala*, por sua vez, remete a música e dança.

Guimarães (1989), tomando como base o conceito histórico de enunciação, trabalha o processo de constituição de regularidades linguísticas com o exemplo do neologismo *acessar* (como em *acessar a memória do computador*), de *acesso* + *ar*. O neologismo pertence, inicialmente, a um discurso específico, que guarda outros termos da mesma formação (*deletar*, *salvar*, *navegar*). Sua ocorrência está inserida em certas condições sociais e históricas; a criação, diz Guimarães, “está ligada a um domínio de enunciados onde esta forma e outras se dão” (1989, p. 78).

Um comentário teórico merece especial menção aqui. Ao explorar, pela ótica pragmática, um caso particular de processo metafórico – o uso de ‘além’ em títulos de obras especializadas³ –, Dascal (2006), focalizando o sentido de *ultrapassagem teórica* (com várias nuances) presente nos autores, põe a questão da reinvenção da linguagem. Supondo-se ser X aquilo que precisa ser ultrapassado (fase anterior de uma teoria, ou mesmo rejeição total de uma teoria), uma limitação para desenvolver uma alternativa

³ Dois exemplos de títulos analisados: Além do *big bang*: Cosmologias quânticas e Deus (DREES, 1990); Além das cadeias das ilusões: Meu encontro com Marx e Freud (FROMM, 1962).

para X é “a inadequação do vocabulário existente (que, na verdade, reflete o quadro conceitual que se deseja descartar) para os seus propósitos.” (DASCAL, 2006, p. 283-284). A solução surge pelas próprias possibilidades (de abertura) das línguas: “a criação de neologismos, criando termos completamente novos, introduzindo abundantes hífen ou dotando termos antigos de novos significados” (p. 284).

Com o quadro restrito de tratamento da neologia apresentado nesta seção quero apenas dar uma idéia da abordagem discursiva no estudo da ampliação lexical do português e suas motivações sócio-históricas e políticas. Passo a explorar o contexto mais amplo cuja rede envolve a produção discursiva nas esferas sociais.

3 HISTORICIDADE E MUDANÇA

Em *Sincronia, diacronia e história*, de 1958 (COSERIU, 1979), Coseriu salienta que uma língua não poderia constituir-se se a mudança, que é um fato incontornável, fosse “total e perpétua”, e se um estado fosse nada mais que um momento efêmero de uma transição incessante. Um estado de língua é fundamentalmente reconstrução de um estado anterior; assim, do ponto de vista da língua *atual*, “é cristalização de uma nova tradição” – ou seja, não-mudança. “[...] fator de descontinuidade em relação ao passado, a “mudança” é, ao mesmo tempo, fator de continuidade em relação ao futuro” (p. 28).

Para Coseriu, o processo fundamental de mudança exige que não se encare a língua como algo abstrato, como *ergon*, visto que “[...] a língua não funciona *porque* é sistema, mas, ao contrário, é sistema *para* cumprir uma função, para corresponder a uma finalidade” (1979, p. 31). Se ela muda, é “*para continuar funcionando* como tal”: é *enérgeia*. Dada a perspectiva de inacabamento das línguas, Coseriu estabelece que o ponto de partida para explicar o mecanismo da mudança é o uso linguístico, que será a norma das outras manifestações de linguagem. Diria que essas outras manifestações integram gramáticas e dicionários, como instrumentos linguísticos de referência. Em outras palavras e em outro quadro teórico, trata-se da idéia de *estrutura e acontecimento*, tal como explanada por Pêcheux (cf. 1997).

Concebendo o indivíduo como alguém que autoriza a “língua-instituição” a constituir-se de determinada forma, deixando-a agir sobre ele com força sugestiva e normativa, Coseriu diz que a própria adoção e adaptação a exigências pessoais e ocasionais configura já, para os fatos sociais – que são antes de tudo “interindividuais” – uma espécie de “mudança” (a repetição implica alteração). As razões da mudança, portanto, devem ser buscadas “na própria função da língua e no seu modo concreto de existir” (1979, p. 42). Salvaguardada a distância teórica, isso encontra o espaço da língua tal como a concebe Bakhtin (1979), e o espaço em que a Análise do Discurso reflete sobre a discursividade.

Coseriu faz distinção entre *inovação*, *adoção* e *mudança*. Há inovação quando o que é enunciado – como *modo linguístico* – se afasta dos modelos existentes na língua. A adoção ocorre quando há aceitação de uma inovação, por parte do interlocutor, como modelo para ulteriores expressões (1979, p. 71). Apontar e explicar uma inovação não significa explicar uma mudança; só há mudança *na língua* com a difusão ou generalização de uma inovação, o que implica uma série de adoções. Pela *adoção*,

portanto, ocorre a transformação de uma experiência em “saber linguístico”: “[...] pertence ao aprendizado da língua, ao seu ‘refazimento’ por meio da atividade linguística” (1979, p. 72). A adoção tem sempre determinações culturais, estéticas ou funcionais – acrescenta Coseriu. Dir-se-ia hoje, ainda, determinações ideológicas e discursivas.

Coseriu entende também que a adoção não é um ato mecânico, havendo aí inteligência e seleção. Ele traduz isso, em sua teoria, como “liberdade linguística” (1979, p. 95). Assim, uma inovação pode ser francamente aceita ou rejeitada (por alguns membros da comunidade, pelo menos), neste caso se parecer não-funcional ou incorreta, eventualmente menos elegante que uma forma/sentido já existente. Observei que *jubilamento* se tornou corrente no meio universitário (pelo menos em algumas áreas ou regiões) – significando o desligamento de aluno de ensino superior por não cumprimento de prazo de término de curso –, deixando esquecida a forma *jubilção*, registrada em dicionário. Ocorreu o mesmo com *refacção*, ao lado de *refazimento*.⁴ Percebe-se como “incorreto”, para Coseriu, “tudo aquilo que, sendo alheio ao sistema ou contrário à norma, não tem justificação funcional” (p. 77, nota 38).⁵

Ele diz ainda que estudar as mudanças não significa estudar meramente desvios, mas justamente observar e explorar o próprio “fazimento das línguas” (p. 93-94). Interessa, portanto, explicar “[...] por que as mudanças ocorrem tal como ocorrem” (p. 100): em que condições elas acontecem? (inovação/adoção/inserção na tradição linguística). Cabe também justificá-las, sem esquecer que as condições/determinações socioculturais apenas contribuem para acelerá-las (ou, inversamente, para bloqueá-las). Esse condicionamento nas mudanças implica, aliás, a questão da relativa estabilidade dos sistemas linguísticos. Nisso ele faz lembrar a noção de *hiperlíngua* em Aurox (pela existência, em seu espaço-tempo, de mecanismos de regulação da mobilidade da língua – gramatização).

Em síntese, as condições a estabelecer para estudar mudanças são *culturais* e *funcionais*. As mudanças se manifestam, do ponto de vista cultural, nas formas “esporádicas”, nos “erros correntes” em relação à norma e nos modos “heterossistemáticos” que se pode comprovar no falar; do ponto de vista funcional, pela presença, no mesmo modo de falar, de variantes facultativas e modos isofuncionais. Aliás, o que nas gramáticas correntes aparece como “outra possibilidade” ou “exceção” já reflete o diacrônico no sincrônico, constituindo “ponto crítico” na língua atual (COSERIU, 1979, p. 108).

De fato, os instrumentos linguísticos (como projeção metalinguística da língua), mostram que as inovações começam ali onde as condições de “equivoco” são mais propícias. Uma vez que minha referência são os instrumentos gramaticais, o que observo mais especificamente, seguindo Coseriu, são as *condições de mudança*.

⁴ “Refazimento”, termo dicionarizado, está sendo preterido em grande número de textos científicos pela forma “refacção”, no contexto dos trabalhos que apontam a reescrita de textos como metodologia de ensino de língua.

⁵ Devo ressaltar que, nessa visão panorâmica sobre inovação e adoção, Coseriu se restringe em certo ponto a adoções de caráter fônico – tratando de tópicos relacionados à fala. Teoricamente estou estendendo suas considerações aos fenômenos linguísticos em geral.

As “contradições internas” do sistema realizado representam um conflito permanente entre a *formulação* (o sintagmático) e a *matriz parafrástica* (o paradigmático) do discurso. No conjunto dos dados de que disponho para o estudo da deriva, isso diz respeito mais especificamente aos casos em que se acumulam “morfemas isofuncionais”. Na prática em questão (na escrita, mas não com exclusividade), isso significa, por exemplo, que preposições estão convivendo com prefixos correspondentes em muitas sequências; tal é o caso de *entre* e *inter-* (*interação entre, interdependência entre...*). O que é peculiar aqui é que nessa fase do português brasileiro dito culto esse tipo de acumulação é a *regularidade* que se observa, e não é possível prever quando tais *redundâncias*, por inúteis (conforme certos julgamentos), deixarão de ocorrer, sobretudo porque em muitos casos elas se justificam por efeitos variados de sentido a produzir.

A par de todos esses efeitos, que indiciam o estilo de uma comunidade de linguagem, também se observa o que Coseriu sintetiza dessa forma: “[...] numa língua, o que por um lado se “constrói” por outro se “desmorona” e necessita de novos ‘reparos’.” (1979, p. 118). Temos, então, ao lado das redundâncias, os casos em que uma única forma amalgama funções variadas: é o que está ocorrendo com *onde* (Cf. FURLANETTO, 2004).

Estabelecendo que as criações *ex nihilo* são extremamente raras, ele sugere uma tipologia básica de inovações (cf. 1979, p. 71-72):

- a) alteração de um modelo tradicional;
- b) seleção entre variantes e modos isofuncionais existentes na língua (alternativas);
- c) criação sistemática (invenção seguindo as possibilidades do sistema);
- d) empréstimo de outra língua (total ou parcial, podendo também implicar alteração);
- e) economia funcional (negligência de distinções supérfluas no discurso).

Uma das condições gerais da mudança linguística é a não-coincidência cultural e funcional entre *sistema* e *norma* (COSERIU, 1979, p. 120). Conhecer a norma numa comunidade significa “[...] estar inteirado não apenas do *possível*, do que se *pode* dizer numa língua sem afetar a sua funcionalidade, mas também do que efetivamente *se diz* e *se disse*, ou seja, de uma realização tradicional” – que põe em função, dessa forma, a memória dos discursos. O sistema é aprendido antes de se conhecer a(s) norma(s): assim é que a criança conhece o “sistema de possibilidades” de sua língua, enunciando muitas vezes em contraste com a norma (daí as analogias: *fazi, trazi*) (p. 120).

Saussure (2002) também remete ao aprendizado da língua pela criança quando explica esse “fenômeno de transformação inteligente”, afirmando que na fala dos pequenos se manifesta [...] o princípio que não cessa de estar em função na história das línguas. (2002, p. 160, tradução minha) – ou seja, a analogia, que é uma tendência ao sistema ou à ordem. Para Coseriu, essa forma de criação pode ser numerosa e difundir-se facilmente “em épocas de debilidade da tradição” (ou talvez de resistência), e então é

possível observar o predomínio do sistema sobre a norma, ou seja, ‘do que é *funcionalmente possível* sobre o que é *tradicionalmente realizado*’ (1979, p. 121, grifos do autor).

Atualizando essa explicação no contexto da Análise do Discurso, remeto ao que estabelece Pêcheux sobre *estrutura* e *acontecimento* no discurso (cf. PÊCHEUX, 1997), que implica a noção de *memória discursiva*. Ele põe como princípio para descrever e interpretar a idéia de inconsistência: qualquer enunciado tem seus pontos de deriva. A discursividade deve ser explorada como *estrutura* e como *acontecimento*; o que se materializa linguisticamente sempre tem a possibilidade de desestruturar e reestruturar as redes de filiação existentes. A par de ser um efeito de certas filiações, o que é enunciado também é um *locus* de inovação e de regularização. O estabilizado (estruturado), aqui, corresponde à norma; o passível de realização corresponde às possibilidades do sistema, aberto para a inovação – mas também limite funcional para ela. *Deriva* se confronta sempre com *preservação*, no contexto histórico-ideológico.

Então, os casos de formação lexical que descrevo e analiso aqui mostram, alguns deles, ruptura e regularização com relação à memória discursiva, ou seja, da norma como tradição linguística de uma comunidade; outros casos correspondem a uma criação sistemática com aproveitamento dos recursos que a língua fornece; outros ainda manifestam empréstimos de palavras de outra língua, de modo total ou parcial, com alteração ou não. Retomando o conceito de *gramatização* em Auroux (v. nota 1), pode-se dizer: “Ela permite notadamente uma maior estabilidade linguística [...]” (AUROUX, 1998, p. 21) porque seus instrumentos figuram na *hiperlíngua*, e esta, diz Auroux, é uma “realidade que engloba e situa toda realização linguística e limita concretamente toda inovação” (p. 22). A tradição, que Coseriu associa à norma, é parte constitutiva da hiperlíngua.

Ocorre, porém, que o acervo lexical é o setor mais instável das línguas, considerando ainda que as comunidades discursivas são muito variáveis em suas preferências, ainda que se trate das áreas mais sistemáticas e exigentes em termos de padronização de linguagem. Daí a grande quantidade de neologismos computáveis para uma mesma comunidade num período de tempo relativamente curto, ainda que alguns tenham curta duração e outros nunca tenham merecido a atenção dos lexicógrafos (note-se o caso, por exemplo, do estudo de Moura (1992), referido na seção 2 deste trabalho).

4 O CORPUS

Proponho, heurísticamente, uma tipologia que poderia corresponder a grandes áreas temáticas, representando certas preferências ou tendências de setores das formações sociais. Distingui desse conjunto os neologismos por efeito de tradução/empréstimo e nomeei alguns casos como *outros*.

1 Áreas temáticas

- A) política
- B) medicina e vida natural
- C) jornalismo e publicidade
- D) vida social e vida privada

- E) arte/literatura
- F) vida acadêmica
- G) gastronomia

2 Neologismos por efeito de tradução

3 Outros

Apresento em apêndice a lista dos neologismos registrados até este momento (considerarei apenas palavras impressas em documentos a partir de 1990), visto que, no espaço deste artigo, terei de restringir o número de exemplos. Farei, portanto, uma seleção, indicando para cada item, suplementarmente, o processo de formação.⁶

1 Áreas temáticas

A) Política⁷

- 1) **Convívível.** [derivação] Produzido por Fernando Henrique Cardoso quando ministro da Fazenda no governo Itamar Franco: “a inflação não é mais convivível”. Análoga à criação “imexível” de Rogério Magri (1990). O discurso é o mesmo (governo), mas o termo não é exclusivo, e pode circular abundantemente. FHC também poderia ter dito “inconvívível”. No contexto, o tom do ministro é (aparentemente) de conciliação, de defesa do salário do trabalhador. (ISTOÉ 1247 – 25/8/1993, p. 17 registra-a como “palavra da semana”).
- 2) **Apitajo.** [derivação] “Deputados fazem apitajo [movimento de revolta usando apito; manifestação ruidosa] no plenário da Assembléia baiana contra a manobra que excluiu a oposição da mesa diretora.” (ISTOÉ 1635, 21/2/2001, p. 34).⁸ Esta forma de criação de palavras (sufixo *-ajo* para aumentativo e indicação de golpe ou pancada) se filia a *buzinaço*, *bandejaço*, em que Sandmann (1991) encontra para *-ajo* o sentido de “manifestação ruidosa”. A utilização de tal tática remete a baderna onde se esperaria que houvesse decoro, atitudes sensatas; os que o promovem constroem facilmente, portanto, um *ethos* que prima por desagradar ao povo.
- 3) **Secão.** [derivação] Criado por analogia com apagão, datado de 1988 (*apagão* consta no dicionário Houaiss, edição de 2001: é como se chama agora o blecaute, período sem energia elétrica). “Se o apagão transtornou a vida dos brasileiros, imagine o que aconteceria com o secão?”. Num caso e no outro, a perspectiva é trágica, associada ao sufixo aumentativo. O efeito ideológico de sentido está associado, de alguma

⁶ A pesquisa maior de que este trabalho é um recorte focaliza, em dados coletados em documentos escritos que utilizam o português padrão, tendências à “deriva” (deslocamento, deslizamento) em vários níveis, buscando especificar fatores discursivos da deriva e nível de aceitação e adoção, bem como pensar nas perspectivas para a área pedagógica. Os dados são coletados em livros, jornais, periódicos – enfim, em qualquer suporte que atualize gêneros em que se supõe a utilização de linguagem formal. No presente caso, nota-se a proliferação de neologismos na esfera jornalística.

⁷ Essas ocorrências aparecem comumente na imprensa, por referência ao mundo político (notícias, reportagens, notas). Algumas delas mereceram a atenção de Trein (2006), que focalizou neologismos utilizados para definir a corrupção no Governo Lula.

⁸ Há erro da revista na datação dessa página, que saiu como 31/1/2001.

forma, a atitudes de desleixo ou lentidão na intervenção do Estado. (ISTOÉ n. 1688, 6/2/2002, p. 7: *A ameaça do seções*).

- 4) **Bushismo.** [*derivação*] Referência ao estilo de linguagem de George Bush, que se tornou alvo de piadas nos Estados Unidos por sua mania de “assassinar” a língua inglesa e produzir “pérolas”. Já se projetou a criação de um dicionário inglês-bushismo-inglês. Por um lado trata-se da liberdade de criticar, mas por outro, essa é uma manifestação que ridiculariza um governo por certa postura (a linguagem é sempre sintoma). (ISTOÉ n. 1645, 11/4/2001, p. 84).
- 5) **Numeralha.** [*derivação*]. Referência ao conjunto de percentuais relativos à economia mundial – taxa de crescimento/recessão. Daí o chavão lembrado por Paul Singer: quando a economia dos ricos espirra, a dos emergentes pega pneumonia. No discurso, a palavra se colore de tons negativos, remetendo a uma situação difícil. (ISTOÉ n. 1666, 5/9/2001, p. 81).
- 6) **Megainsanidade.** [*derivação*]. Referência aos atos terroristas de 11/9/2001 contra os Estados Unidos. Note-se que *super-* tem aparecido com tendência a se autonomizar, enquanto *mega-* normalmente aparece como prefixo. O Houaiss salienta o emprego moderno de *mega-* com valor hiperbolizante, que é o que encontramos aqui: *megadesvalorização, megaempresário, megaempreendimento, megaspeculador, megaevento, megainvestimento.*⁹ (ISTOÉ n. 1668, 19/9/2001).
- 7) **Novos-pobres** (var. **neopobres**). [*composição/derivação*] A referência é metalinguística: Título de quadro de reportagem (*Somos todos desiguais*) em ISTOÉ n.1759, 18/6/2003: *O fenômeno dos novos-pobres*. “Novo-rico todo mundo sabe o que é, principalmente porque ele é exibido. Novo-pobre, não.” Estes foram identificados pelo economista Márcio Pochmann (secretário do Trabalho da Prefeitura de São Paulo). No seu *Atlas da exclusão social no Brasil*, os neopobres são fruto “do crescente desemprego e da precarização das formas de recolocação das pessoas no mercado de trabalho.” Como antes só se nomeava linguisticamente aquele que subia na vida, ficava muito visível a ideologia da oportunidade para todos. A existência nomeada de novos-pobres instaura a consciência da precarização da vida social.
- 8) **Corruptograma.** [*composição*] Fluxograma que mostra um esquema de corrupção. Mostra-se o esquema do movimento bancário do esquema PC (Paulo César Farias) para o então presidente Fernando Collor e seus familiares. A formação aponta uma modalidade específica de análise desse processo. (ISTOÉ n. 1206, 11/11/92)
- 9) **Propinoduto.** [*composição*] No esquema da corrupção política, um duto pelo qual escoia dinheiro desviado com propinas. Na mesma edição encontra-se *cleptocracia* (1988): PC – Paulo César Farias – é o símbolo de um modo de se fazer política mais

⁹ Mas *mega-* também tem uma acepção objetiva: simbolizado por *M*, é a adaptação do gr. *megal(o)-*, 'grande', adotado na 11ª Conferência Internacional de Pesos e Medidas (resolução nº 12), em 1960, equivalente ao multiplicador 10⁶, seja, *um milhão* (de vezes a unidade indicada, p.ex., *megagrama = um milhão de gramas*).

ou menos generalizado no país, ou seja, de passar a mão em dinheiro alheio. (ISTOÉ 1240, 7/7/93)

- 10) **Aerolula**. [*derivação*] Nome popular do *airbus* ACJ-319 comprado em 2005 pelo governo brasileiro para servir como avião presidencial. Preço: US\$ 56,7 milhões. Nome: Santos Dumont. ISTOÉ n. 1840, 19/1/2005. O fato de se especificar o nome do presidente Lula aponta para a fonte da idéia da compra e/ou a destinação. Quando houver outro presidente o nome será alterado?
- 11) **Denuncismo**. [*derivação*] O termo passou a ser muito ouvido e lido com a sequência de denúncias publicadas pela imprensa envolvendo figurões do governo Lula. O próprio governo criticou as denúncias, usando a expressão contra os jornalistas. Muniz Sodré (UFRJ; membro do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social) faz uma observação crítica: “Se o regime de quem ocupa a Presidência é o presidencialismo, o conjunto de denúncias deveria ser chamado de denuncialismo, e não denuncismo”. (ISTOÉ n. 1820, 25/8/2004, entrevista). Deveria ou poderia?
- 12) **Pilantropismo**. [*derivação*] Associado negativamente a **filantropismo**, o termo reflete a denúncia de atos que, numa formação discursiva (discurso do governo), são encarados como filantropia, ao passo que, na oposição, corresponde a atos de pilantras (pilantragem, dissimulação de filantropia). Um exemplo: “Luciana [Genro, deputada federal] afirmou que a compra de vagas nas universidades públicas (Prouni) ¹⁰ é a legalização da “pilantropia”.” Isso corresponderia, em tal interpretação, a aumentar o repasse de recursos à rede privada de ensino. (Boletim APUFSC n. 499, setembro de 2004, p. 3)
- 13) **Sem-diploma**. [*composição*] Depois dos sem-teto e dos sem-terra, agora temos os sem-diploma. “Avaliando questão por questão e conferindo respostas falsas e verdadeiras, o sem-diploma Luiz Inácio Lula da Silva acha que o ministro da Educação, Cristovam Buarque, não está com boa nota no provão do Ministério”. (ISTOÉ n. 1772, de 17/9/2003, p. 31, *Piadinha no Palácio*)
- 14) **Mensalão**. [*derivação*] Começou a circular em 2005, em ambiente político, constituindo-se em escândalo de corrupção do Congresso Brasileiro. Corresponde à “mesada” de R\$ 30 mil com que a cúpula do PT molharia a mão de parlamentares amigos, para que votassem a favor de projetos do governo. Roberto Jefferson é o deputado responsável pela denúncia do pagamento do mensalão pela Cúpula do governo, embora ele mesmo fosse acusado de comandar um esquema de corrupção nos Correios. (ISTOÉ n. 1862, 22/6/2005)
- 15) **Mensalinho** [*derivação*] Escândalo subsequente ao provocado pelo mensalão, e politicamente associado a ele; propina recebida pelo parlamentar Severino Cavalcanti do dono de um restaurante de Brasília. 2005.

¹⁰ Prouni – Programa Universidade para Todos, criado por MP em setembro de 2004.

- 16) **Surubão.** [*derivação*] Segundo Romeu Tuma, uma festa realizada em Brasília sob os auspícios de uma famosa cafetina, e na qual muitos políticos estavam envolvidos. Está associado a sexo grupal, uma das acepções de *suruba*.

B) Medicina e vida natural

- 1) **Vegan, veganismo.** [*base criada com redução – veg- – e derivação com -ismo*] Vegetariano radical/vegetarianismo radical, ou seja, abominação de todo e qualquer produto ou alimento que tenha origem animal ou use animais em testes durante o processo de fabricação. O termo foi criado na Grã-Bretanha e serve para designar todas as pessoas que adotam como lema o slogan "100% livre de crueldade". (ISTOÉ n. 1536, 10/3/99, p. 40-42). Implica, portanto, atitude de resistência.
- 2) **Nutracêutica.** [*amálgama*] Ciência que pesquisa e confirma a eficácia de vegetais, peixes e frutas na prevenção e no tratamento de doenças como câncer e diabetes. (ISTOÉ n. 1540, 7/4/99, capa).
- 3) **Preceterapia.** [*composição*] Terapia da reza. Corresponde a uma tendência na medicina, que coloca por terra a impressão de que medicina e ceticismo andam juntos. Vários médicos estão associando a seu trabalho rotineiro princípios de suas crenças religiosas. Importa a atitude de fé, e não a religião a que o paciente pertença. (ISTOÉ n. 1554, 14/7/99, p. 52-54. *Médicos de fé*). A religião em si nada tem a ver com isso. (Só parece estranho pedir menos racionalidade ainda, quando já carecemos dela no cotidiano).
- 4) **Endocepção.** [*amálgama*] Anticoncepção por até cinco anos. Novo método anticoncepcional reversível de alta eficácia. Propaganda da Berlimed, divisão da Shering. (ISTOÉ n. 1621, 25/10/2000). Uma propaganda como esta tem tudo para merecer a adesão irrestrita.
- 5) **Pedilúvio.** [*amálgama/deriva semântica*] Tapete para desinfecção de sapatos. Segundo o Houaiss (2001), a palavra tem origem em 1695, na área médica, indicando “banho dos pés com fins terapêuticos”. Contrasta com “manilúvio”. Contexto: um tapete desses foi instalado no aeroporto Tom Jobim (RJ), para evitar a propagação do vírus da febre aftosa, que pode ser levado na sola dos sapatos. (ISTOÉ n. 1643, 28/3/2001, A Semana).
- 6) **Psicogélicos.** [*amálgama*] Termo provavelmente cunhado por Arnaldo Bloch para identificar um grupo de políticos evangélicos que, como médicos, tentam defender um projeto de regulamentação da formação em psicanálise, que hoje tem independência nas associações psicanalíticas. O projeto é atacado pelos membros das associações reconhecidas, que assim os denominam, dado o confronto ideológico. (2001, provavelmente jornal *O Globo*)
- 7) **Neuroteologia.** [*composição*] A partir do inglês “neurotheology”: disciplina emergente dedicada a compreender a complexa relação entre a espiritualidade e o cérebro. (2001)

- 8) **Bioinformática.** [*composição*] Ciência de coleta, armazenamento e análise computacional de grandes volumes de dados biológicos. A indústria farmacêutica, de posse das informações, pode desenhar moléculas que originem remédios. (ISTOÉ n. 1735, 1/1/2003)
- 9) **Farmacogenética.** [*composição*] Ciência que estuda os aspectos genéticos que regulam o metabolismo de uma pessoa e sua resposta a um medicamento. (ISTOÉ n. 1735, 1/1/2003)
- 10) **Sexológico(a).** [*derivação*]. Viciado(a) em sexo. A formação tem associação com *alcoólatra*, pelo que se supõe que o sufixo mais apropriado seria *-latra* (culto, adoração). (ISTOÉ n. 1207, 18/11/92, reportagem **Exsexo** (leia-se “excesso”))
- 11) **Sonilóquio.** [*composição*] Significa “conversar durante o sono”; é um distúrbio, mas não causa problema para a pessoa que o apresenta. É mais frequente na criança, segundo explica Márcia Pradella-Hallinan, professora da UFSP. (ISTOÉ n. 1824, 22/9/2004)
- 12) **Aromacologia.** [*composição*] (aromatização de ambientes) Pertence à matriz de *aromaterapia*. A técnica de perfumação de lares passou a integrar consultórios, lojas e empresas, escolas. Usa a combinação de cheiros, propagados na maioria das vezes por difusores elétricos. Usa-se a mistura de óleos essenciais puros ou sintéticos, para obter desde concentração até produtividade nas empresas. (ISTOÉ n. 1824, 22/9/2004)
- 13) **Aeroforró.** [*composição*] “O evento ofereceu várias atividades esportivas e recreativas, como aulas de ginástica e dança, aeroforró e Tai Chi Chuan.” (Jornal universitário, 2003). Aparentemente, esse neologismo associa aeróbica e forró.
- 14) **Álcoolorexia** [*composição*]. Termo criado por Sonia Melier (colunista do noticiário do MSN Bolsa de Mulher, 2008), a partir do inglês *drunkorexia*, segundo ela uma novidade também no léxico norte-americano. Pertence à família de anorexia, ausência de apetite, e de orexia, apetite compulsivo (desordens alimentares). O termo remete a pessoas que compensam a falta de comida por todo um dia com o álcool. Essas doenças teriam origem em comportamentos tolerados ou mesmo reforçados pela sociedade.

C) Jornalismo e publicidade

- 1) **Classicicados** [*amalgama*] (Jornal O Globo, 1998)
- 2) **Internetc.** (internet etc.) [*amalgama*] (Jornal O Globo, 1998)
- 3) **Profissionauta.** [*amalgama*] O *profissionauta*. Título de obra de Simon Franco, Rádio Bandeirantes/colunista da revista Exame. Referência a mercado de trabalho. (registro em 25/2/2003)

D) Vida social e vida privada

- 1) **Homencição.** [*amálgama*] Criado pela escritora Faith Popcorn: mudança de atitude masculina que liberou a vaidade. (ISTOÉ 1529, 20/1/99, p. 36)
- 2) **Pitboy.** [*amálgama*] Rótulo que estão recebendo, no Rio, rapazes da sociedade que fazem agressão gratuita em escolas, clubes e outros lugares públicos. Associação com *pitbull* (cão agressivo). (ISTOÉ n. 1799, 31/3/2004)
- 3) **Tecnorrebeldes.** [*composição*] Rebeldes dos anos 90 ou *cyberpunks*. Usam a informática e o poder da comunicação para mostrar seu inconformismo. A expressão *cyberpunk*, diz a revista, surgiu a partir da fusão de idéias de duas correntes aparentemente inconciliáveis: *cyber* deriva de cibernética (navegador), conceito cuja fonte é Norbert Wiener (MIT); *punk* deriva do movimento musical encabeçado pela banda Sex Pistols (anos 70). Daí a idéia de rebeldia da *punk-music* associada à informática. Eles se manifestam como *hackers*. São comuns, desde então, palavras derivadas como *tecnoliteratura* e *tecnoerótico*. (ISTOÉ n. 279, 6/4/1994).
- 4) **Kidult.** [*amálgama*] Refere-se a adultos que mantêm algumas preferências da infância ou juventude, ou as somam ao seu universo atual (prolonga-se simbolicamente a juventude). O consumo de brinquedos e de roupas com ares infantis traduzem a manifestação de fuga dos estereótipos como a definição das fases da vida. (ISTOÉ maio 2004, seção comportamento)
- 5) **Bicicletada.** [*derivação*] “[...] cerca de 50 pessoas, entre professores, servidores técnico-administrativos e estudantes participaram da caminhada, da bicicletada e das atividades na ponta de Carol [ponta do Coral]...” (Boletim de associação docente, 10/2005). Faz-se referência a movimento em defesa da universidade pública – alguns caminhando, outros andando de bicicleta. “Bicicletada” se filia a “caminhada”, da mesma forma que “carreata” se filia a “passeata”.
- 6) **Permacultor / permacultura.** [*composição*]. Os permacultores são uma *tribo* e fazem parte de um movimento que emergiu dos anseios do pesquisador e naturalista australiano Bill Mollison, cujo projeto de sociedade exige cuidado com o planeta, respeito absoluto pelas pessoas e pelas demais espécies e a partilha dos excedentes de produção. As *tribos* remetem a uma visão nostálgica de sociedade mais natural. *Perman-* como *man(s)-* diz respeito a morada, lugar de permanência, persistência. Trata-se, pois, de cuidar do planeta para mantê-lo como morada. (ISTOÉ n. 1952, 28/3/2007, p. 66-67)
- 7) **Planasub.** [*amálgama*] Mergulho com prancha. É equipamento de um esporte novo, prática feita com *snorkel* (tubo) no rosto e o planasub, criação do engenheiro pernambucano Leonardo Veras: uma tábua de acrílico com fendas para as mãos que permitem a execução de manobras abaixo da linha d’água. O mergulhador é puxado por um barco. As pessoas são amarradas a cordas e se atiram ao mar com o *snorkel* e o planasub. (ISTOÉ n. 1952, 28/3/2007)

E) Arte/literatura

- 1) **Contaço (de histórias).** [*derivação*] “Ousadamente, pode-se chamar de uma nova e divertida versão de sarau literário. Claro que não com este pomposo nome. São apenas encontros de ‘contaço’ de história (o termo, que não existe no dicionário, foi adotado pelos donos de livrarias em seus programas de atividades)”. (ISTOÉ 1663, 15/8/2001, p. 62, reportagem “De bem com as letras”)
- 2) **Cantrizes.** [*derivação*] Três das antigas seis Frenéticas ressuscitam o grupo com três novas “cantrizes” – termo usado por elas. (ISTOÉ n. 1688, 6/2/2002, p. 84)
- 3) **Sambópera.** [*composição*] Referência à montagem de La Traviata (Verdi), com música reinterpretada como samba, chorinho e (até) tango. A sambópera teria sido criada por Augusto Boal em 1999, com Carmen, de Bizet. (ISTOÉ 1688, 6/2/2002, p. 88)
- 4) **Pop-ópera.** [*composição*] Referência ao estilo de canto do artista americano Rufus Wainwright, que combina referências eruditas e populares – especialmente música de cabaré. (ISTOÉ n. 2009, 7/5/2008)

F) Vida acadêmica

- 1) **Refacção.** [*derivação*] “... selecionamos para comentar, nesta seção, alguns episódios de refacção textual observados em nossos *corpora*.” (TA, 1997)¹¹ Não se encontra nunca o termo dicionarizado: “refazimento”.
- 2) **Terminografia.** [*composição*] Uma forma de aplicação dos estudos terminológicos. Corresponde à elaboração de glossários, dicionários técnicos (nomenclatura científica) e banco de dados.
- 3) **Neurologuês.** [*derivação*] O termo substituiria o “mentals”, ou uma linguagem psicológica de senso comum (tradicional) usada para explicar e prever o comportamento humano. O neurologuês privilegiaria estados cerebrais para falar a respeito das relações mentais. (Observação com base em João de Fernandes Teixeira, em *Mente, cérebro e cognição* (2000)). Há uma referência à mudança do sentido de *-ês* em Sandmann (1991, p. 65-66): “Indicando em formações anteriores como *português* e *genovês* tanto o habitante como a língua, esse sufixo pode hoje indicar apenas o idioma, a variante de uma língua, determinado jargão profissional com (como quer o *Aurélio*) ou sem conotação depreciativa”. Exemplos: *jornalês*, *praticuês*, *manchetês* (esta última, segundo ele, criada por ele mesmo para designar o estilo das manchetes de jornal). Agora se fala também em *jardinês*, *internetês*.
- 4) **Adultocentrismo.** [*composição*] Seleção e organização pedagógica elaborada a partir das perspectivas do adulto que detém o saber.

¹¹ TA = trabalho acadêmico.

- 5) **Didatização.** [*derivação*] Ordenação metodológica fragmentada em unidades (ou doses) supostamente assimiláveis, sistematizada pela direção de um único percurso cognitivo e controlada por etapas previamente estabelecidas.

Adultocentrismo e didatização seriam aspectos complementares de uma ótica de ensino que marginaliza a perspectiva do aprendiz (interesses, concepções, estratégias, conhecimentos prévios e recursos cognitivos), segundo abordagem contemporânea de educação. (TA, 2001)

- 6) **Brincante.** [*deriva semântica*] “[...] o homem (esse animal brincante) [...]” (CVL, 03/2002).¹² Tornou-se frequente, na área de educação, o termo *aprendente*, substituindo ou convivendo com *aprendiz*. O Aurélio Século XXI registra *brincante* como brasileiro folclórico: participante de folguedo popular. O Houaiss (2001) igualmente. Neologismo semântico.
- 7) **Palestrista** (= palestrante). [*derivação*] A palavra aparece num convite para colóquio na Faculdade de Educação da Unicamp: “Palestristas: Alfredo Veiga-Neto (UFGRS), Maria do Carmo Martins (Unicamp) e Walter Kohan (UERJ)” (Mensagem CVL, 10/2002). O Aurélio Século XXI registra “palestrita” [sem *s*] como termo antigo para frequentador de locais de esporte.
- 8) **Infobetização.** [*amálgama*] Está sendo utilizado como sinônimo de “letramento eletrônico”. (Dissertação de mestrado, 2003).
- 9) **Acordão.** [*derivação*] “A primeira etapa da tramitação da PEC 40 [emenda constitucional que muda as regras de aposentadoria dos servidores públicos] foi concluída na última quinta-feira. Nesta quarta-feira [11/6/2003], será instalada a Comissão Especial que analisará o mérito. Se o “rolo compressor” do “acordão” do governo prevaleceu nesta primeira etapa, na discussão do mérito ele precisará ser quebrado. [...] O “acordão” deverá dar conta de acomodar interesses que se expressarão em emendas para assegurar a aprovação do essencial da PEC 40.” Essa expressão se constrói na linha de *apagão* e *secão* (esta utilizada por ocasião, em 2002, de um período de seca no País) (Boletim APUFSC 451, 9 a 13/6/2003).
- 10) **Estatuinte.** [*derivação*] Aparentemente, o termo surge em 1992. Lê-se, num informativo do gabinete do reitor da UFSC (13/11/92): A palavra *ESTATUINTE* é um neologismo criado por analogia a *constituente*. Derivado do verbo *estatuir* (do latim *statuere*): determinar em estatuto + sufixo latino *-inte*: agente da ação, como em *contribuinte*, *ouvinte*, *pedinte*, *constituente*. A *estatuinte*, no caso, dizia respeito à assembléia de 125 membros que proporia um novo estatuto para a universidade.
- 11) **Blogueiro.** [*derivação*] Adolescente que escreve diários (*blogs*) que se tornam públicos pela internet. (Revista Época, de 6.9.2002). Essa delimitação de faixa etária não existe mais.

¹² CVL = Comunidade Virtual de Linguagem.

- 12) **Turismólogo.** [*derivação*] Um projeto de lei que precisa de aprovação pelo Congresso (para oficialização) institui e regulamenta a profissão de turismólogo. Destina-se a quem se forma em hotelaria ou turismo. (ISTOÉ n. 1846, 2/3/2005)

G) Gastronomia

- 1) **Desfile de massas.** [*sintagma complexo*] Expressão encontrada em um restaurante com pretensão a chique; substitui “rodízio de massas”. Informação obtida em 2002.
- 2) **Tubalhau.** [*amálgama*] Refere-se à possibilidade de se fazer bolinhos (como se faz com bacalhau) com o excesso de tubarões na região de Fernando de Noronha. A associação com bacalhau diz respeito à excelência dos bolinhos.

2 Neologismos por efeito de tradução

- 1) **Empoderamento.** [*derivação*] Ganho de poder. Traduz *empowerment*. Forma alternativa (isofuncional): *poderização*. “Em verdade, o empoderamento dos consumidores se encontra em construção, como tudo, aliás, na Economia Solidária (ES).” (artigo opinião boletim ass. docente, 2003)
- 2) **Remarcável.** [*derivação*] Traduz fr. *remarquable*. “Por outro lado, é remarcável [notável] que no Antigo Testamento haja várias referências ao silêncio, enquanto que no Novo há apenas raras menções.” (TA, 1992) Remarcar, em português: marcar novamente; modificar o preço.
- 3) **Prototipicalidade.** [*derivação*] Usado por *prototipicidade*, não constante no Aurélio Século XXI (que tem *prototípico*), mas cuja forma derivacional é aparentemente mais adequada do que a primeira, assim traduzida por influência de *prototypical*.
- 4) **Aprendibilidade** (teoria da). [*derivação*] Supõe-se que seja uma tradução direta de *learnability*, da mesma forma que *usabilidade*.
- 5) **Usabilidade.** [*derivação*] Traduz ing. *usability*. “A questão da usabilidade dos “subjects” de *e-mails* já vem, inclusive, sendo discutida em artigos como The Usability of Email Subject Lines, by John S. Rhodes, ...” (*e-mail* em CVL, 2001)
- 6) **Decalagem.** [*deriva semântica*] Traduz fr. *décalage*. “[...] a relação que se estabelece entre o sujeito da linguagem e o ‘mundo’ é simbólica – há uma decalagem [defasagem, distanciamento] – não havendo a possibilidade de entendermos os sentidos [...]” (TA, 1998). Decalagem, no dicionário Aurélio Século XXI, é, em eletrônica, “deslocamento da frequência da portadora de vídeo em relação à sua frequência nominal”. O Houaiss também assinala como decalagem a assincronia entre som e imagem no cinema. Tem havido, pois, deriva semântica.
- 7) **Literacia** (letramento). [*derivação*] “A partir das entrevistas relatadas aqui, é possível perceber o caráter hegemônico das interações acadêmicas e como a hegemonia é de fato construída e mantida através do discurso e das literacias ou letramento – as práticas de uso da língua escrita [...]” (TA, 2001). O termo é forjado

a partir do inglês *literacy*, e também tem versão francesa: *littératie* (cf. CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2002).

3 Outros

- 1) **Agriflitos.** [*derivação*] Termo que traduz *crop circles* do inglês, correspondente aos grandes círculos formados em plantações na Grã-Bretanha, e que se supõe serem formados por alienígenas. Referência a um filme sobre o tema, chamado *Sinais*, do diretor indiano Manoj Nellyattu Shyamalan). (ISTOÉ n. 1720, 18/9/2002, p. 106)
- 2) **Chorômetro.** [*derivação*] Aparelho criado pelo engenheiro espanhol Pedro Monagas; em 20 segundos indica aos pais se a criança reclama de fome, cansaço, impaciência ou desconforto. Patenteado, o aparelho recebeu o nome de Why Cry. (ISTOÉ Século 21, 1724, 16/10/2002, p. 85)
- 3) **Ambulancha.** [*amálgama*]: A rede Samu, para atendimento de emergência do Ministério da Saúde, ganhou um veículo inusitado. Trata-se de uma ambulancha. É uma lancha adaptada para servir como ambulância e atender às populações ribeirinhas do rio Amazonas, no Amapá. (ISTOÉ n. 1939, 20/12/2006).

5 COMENTÁRIO ANALÍTICO E CONCLUSÃO

Retomo aqui, para fazer os comentários de análise e conclusão, a proposição de Dascal (2006), vista na seção 2, sobre *ultrapassagem teórica*. As mudanças inevitáveis na vida social se refletem e refratam na linguagem, e é assim que qualquer alteração nos discursos (acréscimo, supressão, deslizamento de sentidos) se configura como “sintoma” da dinâmica do mundo social, com valores em confronto.¹³

Não só na ultrapassagem teórica (quando se pretende ir além de uma teoria existente, ou mesmo descartá-la) há pressão no sentido de buscar adequação na linguagem, apelando-se, entre outras estratégias, para a criação de neologismos. O que permite a proliferação em todas as esferas é, em primeiro lugar, a abertura constitutiva dos sistemas linguísticos – aspecto bem salientado por Coseriu, como se viu, e, em outra perspectiva, por Pêcheux (1997), que deixa claro que em qualquer enunciado há “pontos de deriva” relativamente às filiações sócio-históricas.

Contudo, as possibilidades de mobilidade sistemática das línguas só se concretizam, como expressam Branca-Rosoff e Guilhaumou (2002, p. 11), na medida em que haja “um imaginário da língua favorável à neologia”, construído em discursos já constituídos mas sempre passíveis de ultrapassagem. Assim, tudo aquilo que é enunciado também é um *locus* de inovação e de regularização. *Deriva* se confronta sempre com *preservação*, no contexto histórico-ideológico, e esse dinamismo reflete o movimento perene das comunidades. Trata-se de olhar o linguístico como materialidade específica do discurso

¹³ Analogamente, na clínica psicanalítica, o foco na palavra do analisante implica a assunção de que as “falhas” no discurso mostrarão pontos em que o inconsciente aflora e conta uma história de vida dissimulada nas dobras do tecido subjetivo.

(como base), que por sua vez é materialidade específica da ideologia (cf. ORLANDI, 2002, p. 31).

Tratando-se, neste artigo, de uma lista relativamente longa de unidades lexicais, não estabeleci o objetivo imediato de explorá-las uma a uma histórica e ideologicamente, mas de atestar sua emergência e uso, suas características discursivas no contexto, observando certas correlações (suas matrizes). Nesse sentido, de modo geral é sensível que o imaginário da língua portuguesa, no Brasil, língua como realidade ou sintoma do mundo social, favorece a expansão neológica (o que se observa quase dia a dia).¹⁴ Nesse processo, a valoração no discurso em cada instância e momento histórico – a apreciação subjetiva em cada situação –, ainda que como reprodução de enunciados anteriores, já é uma ressignificação e uma possível recombinação de elementos da língua. Entendam-se os comentários que seguem, portanto, como uma avaliação discursiva panorâmica do recorte lexical apresentado.

Há interesse em observar que o predomínio do sistema sobre a norma (utilizando os termos de Coseriu) aponta também para o jogo de regularização pautado na busca de preservação da simetria das formas. E isso, paradoxalmente, funciona vinculado mais estreitamente ao sistemático da língua (suas possibilidades) que à pressão do padrão ou daquilo que se em certo momento se dá como normal numa comunidade discursiva – e não esqueçamos que estou me referindo aqui ao registro formal escrito. A preservação na inovação funciona no sentido de prover (se não manter) uma matriz de sentido que é a referência para a interpretação e a compreensão do modo como se cruzam desde setores já próximos (*farmacogenética*) como aqueles distanciados nas formações sociais (*neuroteologia*, *sambópera*), ou, mais simplesmente, como se vão abrindo novas perspectivas a partir de bases que permitem ampla derivação (*assujeitamento*, *usabilidade*).

De fato: nas grandes áreas temáticas em que dividi o material do *corpus* pode-se observar ao mesmo tempo, nos elementos novos, sua filiação (que permite o reconhecimento) e sua singularidade, que implica ressonâncias através de minúcias que se vão instalando nas esferas sociais e vão sendo criadas/olhadas com jeito diferente (modo de ver, modo de valorar). É notável, por exemplo, o enlaçamento nas grandes áreas da medicina, da biologia e da tecnologia, que a par desse enlaçamento criam interfaces (*neuroteologia*, *nutracêutica*, *farmacogenética*) produzindo novos espaços e especialidades (singularização), recortando e expandindo o privilégio das áreas matrizes – dando a idéia de um mundo em crescimento, de um privilégio (ilusório?) dos humanos, já por tanto conhecerem, já por tanto serem cuidados em suas debilidades. Politicamente, isso soa como um retorno ao antropocentrismo – ainda que por efeito de manipulação.

¹⁴ Ao efetuar a última revisão deste texto, permito-me registrar a ocorrência de “dromocracia”, “dromoapto” e “dromoinapto”, palavras utilizadas pelo pesquisador Eugênio Trivinho (PUC-SP) em entrevista concedida a ISTOÉ (n. 2080, 23/9/2009), em que ele aponta que a velocidade (*dromo*, do grego: ato de correr, pista de corrida; v. aeródromo, hipódromo) é a lógica do mundo contemporâneo. Pessoas “dromoaptas” conseguem incluir-se na cibercultura; as “dromoinaptas” caem na “miséria informática”. Outra palavra emergente é (tal como encontrada) “skinchente” – que poderia ser grafada “esqui-enchente”, por analogia com “esqui-aquático” (a imagem mostra uma pessoa esquiando em águas de enchente, puxada, por meio de um cabo, por outra dentro de uma camionete). Situações emergenciais estimulam o jogo de criação e adaptação.

No mundo político, a par do poder que sempre representa, atuando comumente como amortecedor de atitudes de corrupção, a proliferação de termos que circulam nesse universo dá o tom aos governos. Segundo Trein (2006), *pilantropia* foi utilizado pela senadora Heloísa Helena, do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), para sintetizar o processo de corrupção no Governo Lula, modulado através de um vasto conjunto de outros neologismos (como os listados em meu *corpus*) usados como contrapropaganda do mesmo governo, formando uma rede semântica de caricaturas com o fim de ridicularizar a conduta de parlamentares e, por extensão, condenar publicamente o governo correspondente. Sempre combatida, a corrupção é aparentemente constitutiva da política – e como tal ela se repete (mas não só ali, naquele espaço, mesmo porque a política enlaça o mundo social inteiro, e a linguagem a reflete e refrata).

Note-se também, nessas circunstâncias, que nas instâncias interlocutivas pouco pesa a preocupação racional com o uso de termos instituídos e validados, quando o estado emocional é alterado a partir de certa racionalidade que se espera no mundo da civilidade. Nem mesmo uma criação aparentemente neutra como *aerolula* escapa às ressonâncias ideológicas. Assim, qualquer novo termo reflete, dissimuladamente ou não, os valores em expansão ou em retração nas comunidades discursivas, e tudo o que afeta, direta ou indiretamente, o mundo humano.

No espaço da medicina e da vida natural o tom é outro, ressoando uma aparente neutralidade que reflete o discurso científico em seus desdobramentos e contínuas experiências. Trata-se da criação de interfaces de estudo que devem refletir a seriedade com que até mesmo campos aparentemente incompatíveis se interseccionam (*neuroteologia*, *preceterapia*), ou ainda de especificações para distúrbios que atingem certos grupos (*álcoolorexia*, *sonilóquio*, *sexólico*); em outros casos manifesta-se a preocupação com a ecologia, a nostalgia da vida natural e a resistência a um modo de vida oposto (*veganismo*).

No jornalismo e na publicidade vê-se a ampliação lexical como consequência do avanço das tecnologias da informação, invadindo e mesclando todos os espaços sociais (democratização linguística).

No campo do comportamento social e privado, manifestam-se atitudes do mundo contemporâneo, nem sempre apreciáveis: a rebeldia e a agressividade (*pitboy*, *tecnorrebelde*), a liberação da vaidade masculina (*homencipação*) e a fuga aos estereótipos (*kidult*). Ao lado disso, movimentos de caráter ecológico (*permacultura*) e elementos ligados ao esporte (*bicicletada*, *planasub*).

A arte em geral e a literatura, por sua própria compleição plástica, são espaços de experiências estéticas apreciáveis: contar (histórias) leva naturalmente a *contaço*, que impressiona mais que *narração*, e aparentemente aproxima o mundo infantil e o adulto; *cantriz* produz nova ressonância na música, e *sambópera* e *pop-ópera* contam estilos de experiência musical na contemporaneidade, desmanchando fronteiras construídas.

Na vida acadêmica, o ritmo acelerado da pesquisa leva a perspectivas diferenciadas com a criação de interfaces e desdobramentos de áreas (*terminografia*, *lectogenia*, *infobetização*), para as quais se busca identificação com legitimação social. Também se

especificam linguagens (*neurologuês, internetês*) e criam alternativas derivadas que, aceitas, se tornam naturais no meio (*acordão, estatuínte, refacção*).

Na gastronomia, as duas construções recolhidas estão marcadas pelo efeito da publicidade que, pela associação feita, remetem a excelência (*desfile de massas, tubalhau*).

Os neologismos por efeito de tradução proliferam na área acadêmica e se difundem ao lado de termos que mantêm a grafia estrangeira, buscando talvez uma associação terminológica mais eficaz e a consequente manutenção do sentido técnico estrangeiro. Eles ajudam a construir, para seus enunciadores, um *ethos* relativo a saberes cosmopolitas, sua filiação a certas áreas de prestígio.

Finalmente, os *outros* neologismos registrados mostram as possibilidades de adaptação que um sistema linguístico oferece a um mundo que se cria e se recria por força da construção ininterrupta da subjetividade em seus inter-relacionamentos sócio-históricos. Neologismos manifestam a repetição sempre sujeita ao deslocamento.

Como este estudo é uma parcela do que está proposto em meu projeto de pesquisa, ou seja, a investigação de casos de deriva no uso escrito culto do português brasileiro, pensando-se, complementarmente, no que os resultados poderão representar para o ensino e aprendizagem da língua materna, a questão pedagógica não é central aqui. Entretanto vale apontar, desde já, que as inovações (lexicais, sintáticas, semânticas, discursivas), sistematicamente observadas e reconhecidas como tais, têm importância por mostrarem claramente a mobilidade linguística (por efeito de discursividade) e estimularem uma perspectiva crítica dos aparatos de linguagem. É então que cabe discutir que normas estão vivas e quais foram superadas, em vários níveis, nas práticas discursivas; como falam e como escrevem os usuários cultos; quais os limites do aceitável; que usos extrapolando a norma gramatical mais rígida se legitimam; quais as diferenças entre os julgamentos feitos pelos usuários. Há, sobrevoando tudo isso, uma pergunta que se repete: certo ou errado?

Essas questões devem merecer minha atenção em trabalho vindouro. A discussão está sendo feita, no momento, com turmas em formação docente, sempre que a oportunidade se apresenta.

REFERÊNCIAS

AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

_____. A “hiperlíngua” e a externalidade da referência. In: ORLANDI, Eni (Org.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994. p. 241-251.

_____. Língua e hiperlíngua. **Línguas e instrumentos lingüísticos**. Campinas (SP), n. 1, p. 17-30, jan./jun. 1998.

- BAKHTIN, M. (Voloshinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1979.
- BRANCA-ROSOFF, S.; GUILHAUMOU, J. De “société” à “socialisme”: l’invention néologique et son contexte discursif. **Revista da ABRALIN**, v. 1, n. 2, p. 9-50, dez. 2002.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. (Orgs.) **Dictionnaire d’ analyse du discours**. Paris, Seuil, 2002.
- COELHO, T. **Dicionário do brasileiro de bolso**. São Paulo: Siciliano, 1991.
- COSERIU, E. [1958] **Sincronia, diacronia e história**: o problema da mudança linguística. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença/São Paulo: EDUSP, 1979.
- DASCAL, M. Compreendendo as metáforas: uma exploração dos usos do ‘além’. In: _____. **Interpretação e compreensão**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2006. p. 265-293.
- FERREIRA, A.B.H. **Dicionário Aurélio Século XXI**. Rio: Editora Nova Fronteira, 1999.
- FURLANETTO, M. M. Os caminhos de *onde* no português do Brasil: instrumentos linguísticos e deriva. **Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão, v. 4, n. 2, p. 249-279, jan./jun. 2004.
- GUIMARÃES, E. Enunciação e história. In: _____. (Org.). **História e sentido na linguagem**. Campinas: Pontes, 1989. p. 71-79.
- HOUAISS, A. **Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa**. Rio: Editora Objetiva, 2001.
- MANZOLILLO, V.C. de O. Acerca da dinamicidade lexical. **Soletras**. Rio de Janeiro, n. 2, [2002?]. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/soletras/2/indice.htm> . Acesso em: 25 jun. 2007.
- MOURA, H.M.M. **Neologismos e discurso**. Florianópolis, 1992. Artigo não publicado.
- ORLANDI, E. P. A Análise do Discurso e seus entremeios: notas a sua história no Brasil. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, n. 42, p. 21-40, jan./jun. 2002.
- PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento [?]. 2. ed. Campinas: Pontes, 1997.
- PEREIRA, S. A. Considerações sobre neologismos veiculados na imprensa brasileira. **Letras & Letras**. Uberlândia, v. 13, n. 2, p. 350-375, jul./dez. 1997.
- SANDMANN, A. J. Renovação e inovação no léxico. **Boletim ABRALIN**. Campinas, n. 11, p. 59-67, jun. 1991.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1977.

_____. **Écrits de linguistique générale**. Texte établi et édité par Simon Bouquet et Rudolf Engler. Paris: Gallimard, 2002.

TREIN, S. R. **A retórica da corrupção**: os neologismos propagandísticos utilizados para denunciar a corrupção no Governo Lula, em 2005. 2006. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt> . Acesso em: 25 maio 2008.

APÊNDICE NEOLOGISMOS

ÁREAS TEMÁTICAS	OCORRÊNCIAS
POLÍTICA	Convívvel, apitação, secção, bushismo, numeralha, megainsanidade, descontingenciamento, novos-pobres (neopobres), corruptograma, propinoduto, aerolula, denunciismo, pilantropismo, sem-diploma, mensalão, mensalinho, surubão, apagás, (os) sem-registro.
MEDICINA E VIDA NATURAL	Linguistoterapia/linguistoterapeuta, vegan/veganismo, nutracêutica, preceterapia, endocepção, pedilúvio, psicogélicos, neuroteologia, anticorpo monoclonal, bioinformática, farmacogenética, terapia celular, terapia gênica, porradaterapia, sexólico(a), sonilóquio, aromacologia, aeroforró, álcoolorexia.
JORNALISMO E PUBLICIDADE	Classiclicados, internetc., profissionauta.
VIDA SOCIAL E VIDA PRIVADA	Homencipação, pitboy, tecnorrebeldes, cyberpunk, kidult, chorômetro, emergente, bicicletada, permacultor/permacultura, planasub.
ARTE/LITERATURA	Contação (de histórias), cantrizes, sambópera, pop-ópera
VIDA ACADÊMICA	Subexistir, refacção, terminografia, neurologuês, adultocentrismo, didatização, criacionário, brincante, aprendente, intercruzar, CVLejadores, cyberabraços, palestrista, alter-ajuda, lectogenia, infobetização, acordão, estatuinte, blogueiro, turismólogo, obediencial.
GASTRONOMIA	Desfile de massas, tubalhau, gastrossexuais.
NEOLOGISMOS POR EFEITO DE TRADUÇÃO	Empoderamento/poderização, soberanidade, remarcável, massivo, prototipicalidade, aprendibilidade, decalagem, assujeitado/assujeitamento, usabilidade, agradabilidade/desagradabilidade, literacia (letramento).
OUTROS	Agriçlifos [crop circles], chorômetro, repactuação, ambulancha.